

NÃO ERA UMA BALEIA?: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO EFEITO METAFÓRICO

WAS NOT A WHALE?: A DISCURSIVE ANALYSIS OF THE METAFORGICAL EFFECT

Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio

Márcia Helena de Melo Pereira

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes

UESB

Resumo: Após a divulgação do jogo denominado Baleia Azul, que mobilizou atenção de pais, educadores, psicólogos e segurança pública, em virtude de suposta associação com a prática de suicídio de adolescentes em vários estados brasileiros, muitas postagens circularam nas redes sociais. Seleccionamos nove que circularam no Facebook. Objectivamos, neste trabalho, com base nos aportes teóricos da Análise do Discurso desenvolvida por Pêcheux, descrever o funcionamento discursivo dessas postagens, cujas formulações apontam para um processo de deslizamento de sentido por efeito metafórico. As relações metafóricas se instituem por meio de substituições dos termos baleia azul por outras formulações que apontam para sentidos de trabalho, educação, punição, entre outros, são atualizados.

Palavras-chave: discurso; efeito metafórico; Baleia Azul.

Abstract: *After the disclosure of the game called Blue Whale, which attracted attention of the country, educators, psychologists and public security, due to supposed association with the practice of suicide by teenagers in several Brazilian states, many postings spread on social networks. We select nine that spread on Facebook. We aim to, in this work, based on the theoretical contributions of the Discourse analyses developed by Pêcheux, describe the discursive operation of these postings, whose formulations indicate a meaning slippage process through metaphorical effect. The metaphorical relationships are instituted by means of the replacement of the terms blue whale by others formulations which point to meanings of work, education, punishment, among others, are updated.*

Keywords: *discourse; metaphorical effect; Blue Whale.*

INTRODUÇÃO

Na primeira quinzena do mês de abril de 2017, em meio a toda problemática política, econômica, pela qual o país estava passando, uma adolescente é encontrada morta no Mato Grosso do Sul¹. Talvez essa morte fosse analisada como tantas outras que ocorrem diariamente se não fosse a relação

¹ <http://br.blastingnews.com/brasil/2017/04/jovem-perde-a-vida-fazendo-o-desafio-da-baleia-azul-no-mt-001629707.html>, acessado em 20 de julho de 2017.

com o jogo Baleia Azul.

Após a divulgação de tentativa de morte e suicídio de adolescentes relacionadas ao jogo, a temática ganhou destaque na mídia e nas redes sociais e mobilizou o interesse de pais e estudiosos. Devido ao destaque na mídia digital, muitos discursos passaram a circular, reportando-se ao jogo. Entre os discursos, alguns nos chamaram atenção. Neles, a imagem da baleia é substituída pela imagem de uma enxada e de uma sandália. Diante dessa substituição, interessou-nos analisar os deslizamentos de sentidos pelo efeito metafórico.

Como *corpus* de análise, selecionamos nove postagens publicadas no Facebook no período em que as informações sobre o jogo e os casos de suicídio e/ou de tentativas de suicídio começaram a circular. Uma delas, sequência discursiva número um (SD1), que segue abaixo, integra textos jornalísticos que divulgaram tentativas de morte e suicídio cometidos por adolescentes em vários estados brasileiros. Após divulgação sobre os acontecimentos, na mencionada rede social, foram publicadas muitas postagens que remetem ao jogo Baleia Azul. Entre as muitas que circularam no Facebook², recortamos oito para esta análise. A seleção das postagens se deu em função de que nelas, com exceção de uma, há outras imagens no lugar da imagem de uma baleia.

Nessa direção, nosso interesse recai sobre o funcionamento dos processos discursivos na substituição e os efeitos de sentidos por elas propagados. Incidiremos nos textos selecionados um gesto interpretativo levando em conta que não há sentido sem memória. Mobilizaremos, para tanto, postulados do quadro teórico da Análise do Discurso, de linha pêcheuxtiana, especificamente a noção de efeito metafórico. Assumindo uma perspectiva discursiva, o *corpus* selecionado será analisado considerando tal conceito.

Para análise, como dito, buscamos publicações que possuem, na sua textualização, imagens. Queríamos entender o funcionamento discursivo da presença de outra imagem no lugar da imagem de uma baleia. Por que a substituição? Que efeito(s) de sentido(s) pode(m) ser produzido(s) quando da substituição? Por que a *escolha* da imagem de uma sandália, de uma mula, de uma enxada e não de outras imagens?

UM POUCO SOBRE QUESTÕES DE ANÁLISE DO DISCURSO

Todo dizer é sustentado por um já-dito que é inscrito num discurso. Para compreendermos o funcionamento de um discurso e sua relação com os sujeitos e com a ideologia, é necessário que identifiquemos os já-ditos no interdiscurso (ORLANDI, 2005, p.32). A retomada do já-dito se dá pelo mesmo, que está para a paráfrase, ou pelo diferente, que está para a polissemia. Quando no “dizer há

² O Facebook, criado em 2004 por Mark Zuckerberg, na época estudante da Universidade Harvard, é, atualmente, a rede social mais popular do Brasil. De uso *gratuito*, “congrega pessoas de diferentes idades, classes sociais, graus de instrução, embora, por forças sociais, essas diferenças continuem sendo perceptíveis pelos perfis dos usuários e pela rede que integram. [...] Tornou-se a mais atraente [rede social], com um maior número de recursos e possibilidades de interação, que facilitam a troca de imagens e vídeos em tempo real, mesmo sendo acessado por um telefone celular” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 80-81). Além dessas vantagens, outras (ou não) se destacam: não há limite determinado de palavras, caracteres na postagem que não desaparece da página do usuário, a não ser que ele retire ou seja retirada em função de ordem judicial, por ser considerada imprópria.

algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória”, ocorre o processo parafrástico. Quando se produz um deslocamento, uma ruptura de processos de significação, num jogo de equívocos, o processo é polissêmico (ORLANDI, 2005. p.36).

Seja assentada na relação de polissemia ou de paráfrase, a produção de sentido, conforme Pêcheux (1997a, p. 169), não se restringe ao aspecto linguístico, na medida em que intervêm nessa produção os aspectos ideológicos, a história, a memória. Nessa articulação, as formações ideológicas e formação discursiva (FD) são fundamentais.

A noção de formação discursiva, que representa um lugar central da articulação entre língua e discurso, foi reconfigurada por Michel Pêcheux. Esse conceito pôs em cheque a noção de máquina discursiva estrutural fechada, característica da primeira fase. Na perspectiva de Michel Pêcheux, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto seus componentes e “determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa etc.) a partir de uma dada conjuntura [...]”. (PÊCHEUX; FUCHS, 1997a, p. 166)

A noção de formação discursiva envolve dois tipos de funcionamento: a paráfrase e o pré-construído, que são indissociáveis da produção do sentido, na medida em que é pela/na formação discursiva que os indivíduos são interpelados como sujeitos. O termo pré-construído foi proposto por Paul Henry para “designar o que remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado” (PÊCHEUX, 1997b, p. 99). Nas palavras de Courtine (1981),

A autonomia [da língua] é relativa porque, na produção e na interpretação do que se chama ‘sequências discursivas’, isto é, dos discursos concretos, as fronteiras entre o que separa o que revela da autonomia relativa da língua e o que revela da determinação desses discursos ‘concretos’ por formações discursivas [...] não pode ser definido a priori. Em outros termos, afirmamos que todo o discurso ‘concreto’ é duplamente determinado: de uma parte, pelas formações ideológicas que relacionam esse discurso a formações discursivas definidas, de outra parte, pela autonomia relativa da língua; mas afirmamos que não é possível traçar a priori uma linha de demarcação entre o que revela de uma e de outra dessas determinações (COURTINE, 1981, p. 12).

Nessa direção, os sentidos não são resultantes das relações estabelecidas entre as palavras de um sistema linguístico. Os sentidos são produzidos por meio das relações que as palavras ganham no interior de cada formação discursiva, que, vale mencionar, não são homogêneas. E o sujeito, na medida em que está inscrito numa formação discursiva, cuja constituição não é homogênea, só diz o que essa formação permite dizer, ou seja, os saberes *próprios* dessa FD.

Então, uma imagem, uma palavra, textualizadas no intradiscurso, sempre podem ser outras. Cabe ao analista observar os sentidos no “interdiscurso [que] disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005, p 31). O poder ser outro ocorre em virtude do efeito metafórico. Conforme Pêcheux, efeito metafórico é o “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse ‘deslizamento de sentido’ entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y [...]” (PÊCHEUX, 1997a, p. 96). A substituição não é aleatória. O funcionamento se dá sustentado pelas FDs, pela memória.

O sujeito do discurso se inscreve numa determinada formação discursiva pela forma-sujeito. Identifica-se com uma formação que o constitui enquanto tal. É um sujeito interpelado pela história, pela ideologia, dividido na/pela linguagem e, desse modo, não se constitui como um ser empírico, um indivíduo que se diz origem de um dizer. Da relação entre sujeito e forma-sujeito o sentido é constituído; assim, o sentido terá o tom da formação discursiva pela qual a forma-sujeito se inscreveu. Nessa direção, o sujeito só diz o que essa formação permite dizer, ou seja, os saberes *próprios* dessa FD, como mencionado. Constitui-se uma relação de identificação com o dito em cada FD e, conseqüentemente, um processo de subjetivar-se diante de uma posição que corresponde a uma posição-sujeito, que, de acordo com Pêcheux (1997b), é a relação de identificação entre o sujeito enunciador e o sujeito do saber de uma formação discursiva dada.

Retomados brevemente esses conceitos, passemos à análise das postagens publicadas no Facebook. Através do gesto interpretativo em batimento com a descrição, esperamos descrever como, por meio de relações metafóricas advindas da substituição da imagem da baleia por outras, produzimos sentidos que, necessariamente, não estão ligados ao jogo.

O QUE É POSSÍVEL DIZER SOBRE UMA ENXADA AZUL, UMA MULA AZUL, UMA SANDÁLIA AZUL, UMA CARTEIRA DE TRABALHO AZUL, UMA COXINHA AZUL

Começamos com a imagem que corresponde ao animal baleia no mar. O nome Baleia Azul para o jogo, que tem como base a execução de 50 desafios, é uma tradução do termo Blue Whale³. Segundo informações de reportagens, a escolha do animal não é aleatória. A baleia apresentaria comportamento suicida quando provoca encalhe na praia⁴. Nessa direção, a imagem de uma baleia azul, como a que segue na sequência discursiva de número um (SD1), integra muitos textos que versam sobre o jogo.

SD1 – baleia imersa no mar⁵



A sequência discursiva de número um (SD1) integra quase a totalidade de reportagens, notícias

³ <https://www.rferl.org/a/russia-teen-suicide-blue-whale-internet-social-media-game/28322884.html>, acessado em 20 de julho de 2017.

⁴ <http://www.avozdepetropolis.com.br/o-que-e-quem-criou-porque-criou-verdade-sobre-o-jogo-baleia-azul-blue-whale/>, acessado em julho de 2017.

⁵ <http://midiabahia.com.br/cotidiano/2017/04/19/veja-os-50-desafios-jogo-baleia-azul/>, acessado em 20 de julho de 2017.

sobre o jogo. Podemos, então, afirmar que essa imagem corresponde ao modo como a mídia impressa significa o jogo. Nessa direção, o sujeito jornalista estaria assumindo uma *pertinência* da imagem para significá-lo.

À divulgação de tentativas de morte e suicídios cometidos por adolescentes, realizada pela mídia televisiva e por sites de notícias, seguiu-se enorme número de textos produzidos e compartilhados no Facebook. Esses textos, em sua grande parte, são compostos de uma imagem e uma formulação verbal. Uma delas é a sequência discursiva de número dois (SD2), que segue abaixo. Tendo em vista a relação que se produziu entre o jogo e a prática do suicídio, na materialidade abaixo, há uma posição-sujeito de oposição ao jogo e, portanto, ao perigo que o mesmo apresenta para os envolvidos. A preocupação com os adolescentes e a prática do suicídio é ratificada com o pedido de compartilhamento da materialidade, cujo *resultado* será o conhecimento do perigo do jogo por um maior número de pessoas.

SD2



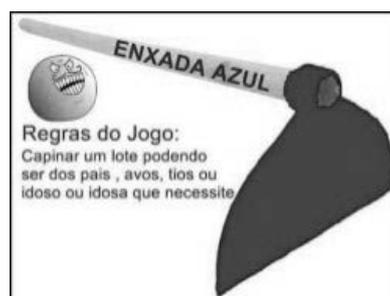
Atentemo-nos para o fato de que o enunciador não usou a mesma imagem que circula nos textos jornalísticos. Não é uma imagem de foto e a baleia da sequência está sorrindo, o que produz como efeito que, se se diz não ao jogo, não há perigo.

Mas não foram apenas materialidades com a imagem de baleia que circularam no Facebook. A imagem da baleia foi substituída pela imagem de uma enxada. Das várias postagens que continham imagem de enxada, selecionamos duas, que se seguem: SD3 e SD4. Tendo em vista que o “interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2005, p 31), indagamo-nos sobre que dizeres afetam o sujeito no acontecimento discursivo do jogo da Baleia Azul ao formular as materialidades abaixo.

SD3



SD4



A primeira questão a ser pontuada, retomando Pêcheux (1997a), é por que uma enxada no lugar de baleia. Essa substituição produz um efeito metafórico, cujo deslizamento de sentido tem sua origem no interdiscurso. Enquanto numa materialidade temos apenas a imagem de uma enxada, na outra temos a mesma imagem com uma identificação em caixa alta – ENXADA AZUL – , uma sequência – “Regras do jogo: capinar um lote podendo ser dos pais, avos, tios ou idoso ou idosa que necessite” – e uma outra imagem que pode ser associada com a da cara de uma baleia. A formulação em caixa alta produz um efeito de diferenciação bem contundente: o jogo não é o da baleia azul, é o da enxada azul. E o que é uma enxada? Que saberes são produzidos sobre ela? Enxada remete a trabalho: capinar, misturar massa. O enunciador não só ocupa uma posição-sujeito de aliança ao discurso do trabalho, mas, sobretudo, ao trabalho braçal. Os adolescentes devem trabalhar braçalmente, capinando um lote, que pode “ser dos pais, avos, tios ou idoso ou idosa que necessite”.

Se, na Baleia Azul, as regras são conhecidas somente pelos envolvidos no jogo, o enunciador, ao propor a Enxada Azul, explicita a regra: regra do trabalho. Por que uma formação discursiva que podemos nomear como uma FD de exaltação ou louvor ao trabalho? Para analisarmos, necessitamos retomar quais são os sentidos produzidos sobre trabalho. Vejamos alguns provérbios sobre a temática.

1. “O trabalho ajuda a passar o tempo.”
2. “O trabalho dá a felicidade.”
3. “Tudo o trabalho vence.”
4. “Não há prazer sem trabalho.”
5. “A melhor cura do desgosto é o trabalho.”
6. “O trabalho dignifica e enobrece o homem.”
7. “Mente vazia é oficina do diabo.”

Escolhemos provérbios para, na dispersão, buscarmos sentidos sobre trabalho porque são formulações que se constituem como da ordem do que todos sabem. Nessa direção, é da ordem de pré-construídos, que é um dos funcionamentos da formação discursiva, como mencionado.

Agrupamos todos os provérbios numa única formação discursiva, que, como dito, podemos nomear como de louvor e exaltação ao trabalho. Com essa textualização, o trabalho é associado a um sentido moralista. Nessa única formação discursiva, funcionam posições-sujeito (PS). Temos, então, a seguinte configuração:

FD → Louvor e exaltação ao trabalho

1. PS → trabalho como conquista de prazer e felicidade
2. PS → trabalho como cura
3. PS → trabalho como terapia preventiva ou antídoto contra males

Ao presentificar, no nível do intradiscurso, uma enxada, há um deslizamento de sentido, resul-

tante de um efeito metafórico. O sujeito é atravessado pela terceira posição-sujeito, a que nomeamos de trabalho como terapia preventiva ou antídoto contra males. Ao ocupar essa posição, o sujeito nos direciona para possíveis sentidos: os adolescentes, ao invés de estarem jogando, deveriam estar trabalhando. Se estivessem trabalhando, não teriam tempo de jogar e, portanto, estariam distante da possibilidade de cometer suicídio. O discurso do trabalho como prevenção contra males atravessa o discurso do trabalho no sentido moralista.

Somos também instados a produzir um sentido sobre suicídio a partir da relação trabalho como terapia preventiva ou antídoto contra males. Só é possível essa associação por um trabalho da/pela memória. Povoamos o intradiscurso outro provérbio que entra numa relação com o trabalho como cura do desgosto, como ajuda para passar o tempo: *Mente vazia oficina do diabo*. Uma mente vazia seria resultado de falta de trabalho, de ocupação, que, em SD3 e SD4, seria braçal. Capinar ocuparia a mente e, conseqüentemente, livraria o adolescente de ser tentado por força maligna – diabo –, por pensamentos negativos, que, no caso, é a vontade e/ou decisão de jogar e, porque jogou, de praticar suicídio, que é o último desafio.

Se esses efeitos de sentido são produzidos pela relação entre intradiscurso e intradiscurso, o que dizer do efeito da imagem que relacionamos com a cara de uma baleia? Produzimos para a imagem um efeito de sentido de raiva, de indignação frente aos adolescentes que, ao invés de trabalharem (braçalmente), deixam-se levar por práticas que são perigosas.

Substituindo a imagem da baleia temos também a de uma carteira de trabalho. Além da imagem, há a seguinte formulação: “Baleia azul? Quero ver encarar o desafio da carteira azul”. É a única imagem que vem acompanhada de uma pergunta, que nos possibilita produzir como efeito um sentido que estaria para: Para que baleia azul? Como opção de escolha para quem quer se desafiar apresenta-se a carteira azul.



Analisamos as imagens da carteira, em SD5 e SD6, como semelhantes às imagens da enxada em termos de formação discursiva. O sentido que produzimos é o de louvor e exaltação ao mundo do trabalho, concebido como mais prazeroso, menos ocioso, propiciador de felicidade, que previne de males ou doença social. O trabalho é colocado como desafio, como algo que pesa. E a carteira pode ser pensada também em relação ao desafio de se tê-la assinada. A produção desse sentido é possível se, numa relação com as condições de produção, atentarmos-nos para a situação de desemprego que

assola o país no período atual, em virtude da suposta crise que atravessamos. Então, a imagem ganha pertinência na relação com o real da história.

Inscrita em outra formação discursiva, circulou uma materialidade com a imagem de uma mula azul. A baleia, diriam alguns, justifica-se pela hipótese de que o movimento de algumas baleias azuis corresponde a uma tentativa de suicídio. E a mula? Esse animal não é associado a um comportamento dito suicida. E por que não um gato, um cachorro? Como o dito retoma sempre uma memória, que discurso é materializado na sequência discursiva de número sete (SD7)?

SD7



Inserida numa formação discursiva diferente de SD3, SD4, SD5 e SD6, a mula é significada como o povo brasileiro que, no processo político e econômico em que vive, é lesado pelos altos impostos e não tem a contrapartida de bens públicos advindos dos tributos pagos. Atentemo-nos para a formulação:

SINISTRO!!!! Mula azul... Esse é o jogo que todo brasileiro é obrigado a jogar até o fim da vida. O jogo consiste em se matar de trabalhar, pagar os impostos mais caros do mundo, sem ter direito à saúde, educação e aposentadoria. E ainda ter que assistir os políticos meterem a mão no dinheiro público e enriquecerem Às nossas custas com salários absurdos.

Ocupando outra posição-sujeito dentro de uma formação discursiva que não mais considera o trabalho por um viés moralista, o enunciador nos remete para o momento histórico no qual se situa o Brasil: reformas previdenciária e trabalhista em curso, denúncias de corrupção de pessoas que exercem cargos políticos de destaque no país. Aqui também se atualizam saberes sobre trabalho, mas não só sobre essa categoria. Podemos apontar uma posição-sujeito de indignação frente aos processos políticos em curso no país, que não identificamos em SD3 e SD4. Num período de graves denúncias de roubo dos cofres públicos por parte da classe política e retirada de direitos trabalhistas, o enunciador é afetado por essas condições.

Somente no batimento entre as condições de produção e a formulação que podemos entender por que a imagem de uma mula no lugar da de uma baleia. Sobre mula, observamos que, nos dicionários, afirma-se que é um animal que consegue andar em lugares íngremes e que é útil para transportar

carga. Assim, num trabalho de/pela memória, na dispersão dos sentidos, entendemos o porquê de o enunciador relacionar o povo brasileiro à mula. Constitui carga levada nas costas, entre tantas coisas, os muitos e caros impostos, os altos salários pagos aos políticos. Assim como a mula, o povo brasileiro leva a carga por lugares íngremes, que podem ser associados à falta de condições mínimas para que a carga chegue ao seu destino: saúde, educação, segurança, moradia.

O termo sinistro, textualizado em caixa alta, corresponde ao jogo e, portanto, às condições de vida do povo brasileiro. Ou seja, é sinistro o jogo da Baleia Azul assim como é sinistro o jogo sem fim enquanto vida se tem, do qual participa o povo. Se sinistro é o jogo que leva ao suicídio, sinistra é a vida do povo porque também leva à morte, cuja textualização se dá em SD7.

Observamos que essa posição-sujeito se inscreve numa posição contrária ao sentido moralista de trabalho como cura. Em SD7, o sentido que produzimos é que o trabalho opressor pode levar à morte não somente física, mas à morte dos sonhos, da alegria, do prazer etc. Morremos quando somos submetidos a péssimas condições de trabalho que causam acidentes, que levam a esgotamento físico e psicológico, quando não recebemos o mínimo necessário para suprir as necessidades de alimento, de saúde, de moradia adequada, de segurança. Morrem a nossa vontade de trabalhar e a nossa alegria de viver quando sofremos assédio moral no trabalho, quando somos obrigados a cumprir uma jornada exaustiva. Então, não lidamos somente com o sentido de trabalho como terapia preventiva contra males e/ou como cura, quando temos *já instalado* um *processo doentio*, lidamos também com o sentido oposto de trabalho, que é o de trabalho que causa morte não somente física e, portanto, que é opressor.

Então, podemos descrever esta formação discursiva do seguinte modo:

FD → Trabalho opressor ou trabalho como opressão

1. PS → indignação com a situação do trabalhador brasileiro, resistência e denúncia ao trabalho opressor ou à opressão ao trabalhador

Inscribendo-se numa outra formação discursiva, o sujeito substitui a imagem de SD1 por uma sandália. Assim como em SD3, SD4, SD5, SD6 e SD7, é textualizado, em SD8, algo como da ordem do que falta. Neste caso, o discurso é o de que se os adolescentes tivessem couro (chicote), não estariam *melindrosos* e não participariam de jogos perigosos. Inscrita numa formação discursiva que nomeamos de educação disciplinar, observamos a constituição de uma posição-sujeito de crença de que a surra educa.

SD8



No intradiscurso se dá a materialização do termo hoje, e, por isso, somos instados a buscar como era a educação em outros períodos da história. É recente o entendimento de que a educação das crianças deve ser pautada num diálogo, ao invés de castigos físicos. Só depois da publicação do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, é criminalizado castigo físico contra crianças e adolescentes. O discurso se inscreve numa posição-sujeito de oposição à importância do diálogo, e a sandália é significado como instrumento de ajuda na formação dos adolescentes.

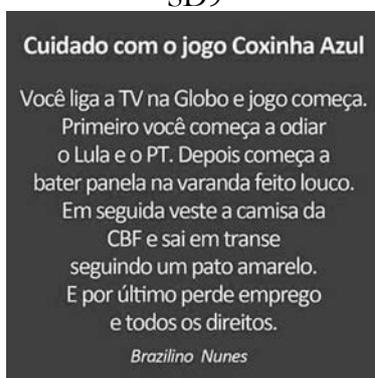
À semelhança das outras análises, textualizamos, abaixo, a configuração da FD e PS. Vejamos.

FD → Educação disciplinar

1. PS → educação pelo castigo

Como última postagem cronológica, talvez, temos, abaixo, em SD9, o jogo Coxinha azul.

SD9



Apesar de a postagem não conter na sua textualização uma imagem, consideramos relevante trazê-la para descrição, em virtude de ela ter, na formulação, os termos coxinha e azul. Esse sintagma tem, na sua base, o termo coxinha⁶, que já é usado “figuradamente”, já que o termo deixa de ser usado como significando, no acontecimento discursivo, o nome de um alimento, a saber, o nome de um salgado. Por um efeito metafórico instituído pela substituição da imagem da baleia azul pela formulação *jogo da coxinha*, temos o termo coxinha significando aquele que é identificado como de posição antigo-verno à gestão da ex-presidenta Dilma Russel. O termo azul somado à palavra coxinha faz significar o nome de um jogo que está para Baleia Azul, mas, ao contrário das outras publicações, nas quais no intradiscurso não aparece o termo cuidado, em SD9, o termo é presentificado. Ou seja, nesta postagem, percebemos uma posição-sujeito de oposição clara ao jogo, no caso, coxinha azul, em função de seus perigos, a saber: começar a odiar Lula e o PT; bater janelas na varanda, feito louco; vestir a camisa da CBF e seguir em transe um pato amarelo; perder o emprego e todos os direitos.

⁶ De uso pejorativo, o termo coxinha é associado a um sentido de conservador, burguês, entre outros, conforme mencionado em <https://www.significados.com.br/coxinha/>, acessado em 15 de maio de 2018. Com as manifestações que tiveram início em 2013 contra o governo de esquerda e, particularmente, o PT, que governava o Brasil na esfera federal, o termo ganhou *outro* sentido. Passou a ser usado para identificar as pessoas que eram desfavoráveis à gestão da ex-presidenta Dilma Rouseff e ou pediam a sua saída do governo federal.

CONSIDERAÇÕES (FINAIS?) ENQUANTO ESPERAMOS MAIS POSTAGENS

Num diálogo com Orlandi (2004), afirmamos que só existe sentido porque existe um trabalho com a memória e também com a metáfora, conforme Pêcheux. Atentarmos para a linearidade do texto ou para outra materialidade não nos garante um trabalho com um saber, com um dizer. Ou seja, o dito, o material é o que se configura como porta de entrada, de acesso ao que está na história. Nessa direção é que podemos apontar que as publicações resultantes do acontecimento discursivo jogo Baleia Azul, nas quais temos imagens, que, num primeiro olhar, estão totalmente fora de uma relação possível com o acontecimento, passam a ser propiciadoras de que produzamos sentidos sobre elas, porque, como parte material do discurso, o texto – as imagens e os ditos que as integram – é o meio pelo qual a memória é atualizada, a história se manifesta. Não sendo o sujeito a fonte do sentido, “o sentido se forma na história através do trabalho da memória, [...] [numa] incessante retomada do já-dito [...]”, escapando sempre (MALDIDIER, 2003, p. 93).

Nessa direção, somente num trabalho com o interdiscurso, no qual os sentidos estão dispersos, e num batimento com as condições de produção nas quais o acontecimento está inserido, que nos é possível explicitar as descrições aqui produzidas sobre postagens do Facebook que remetem ao jogo Baleia Azul. A análise discursiva dos textos escolhidos nos possibilitou explicitar deslizamentos de sentido por efeito metafórico. Pela substituição da imagem de uma baleia pela imagem de uma enxada, de uma mula, de uma carteira de trabalho, de uma sandália, seguidas ou não de texto verbal, e do chamado jogo da coxinha azul, observamos o funcionamento de distintas formações discursivas e posições-sujeito de aliança na relação com as FDs, como também outras posições-sujeito em funcionamento de antagonismo aos sentidos das FDs mencionadas.

O que dizer sobre uma enxada azul, uma mula azul, uma sandália azul, uma carteira de trabalho azul, uma coxinha azul? Como explicitado, pelo processo de substituição, num deslizamento de sentidos, é possível dizer algo sobre trabalho – trabalho cura, trabalho traz prazer e felicidade, trabalho é terapia preventiva ou antídoto contra males –; sobre educação – educa-se pelo castigo –; sobre política – indignação frente aos processos políticos em curso no país, resistência e denúncia ao trabalho opressor. Entre os vários saberes produzidos na história sobre as temáticas mencionadas, esses são retomados nas postagens aqui analisadas por meio do processo metafórico, que produz a possibilidade de deslocamento de sentido. Reafirmamos, nessa direção, que os sentidos se constituem por um trabalho com a memória e só existem nas relações de metáfora, numa incessante retomada do já-dito, que pode instituir o mesmo ou produzir deslizamentos, já que o sentido sempre pode ser outro.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, N.; KRAMER, R. A linguagem no Facebook. In: SHEPHERD, Tania G. ; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 78-92.

COURTINE, J.-J. Analyse du discours politique; le discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages* 62. Paris: Didier-Larousse, 1981.

MALDIDIER, D. *A inquietude do discurso: (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Princípios e Procedimentos*. Campinas-SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997a. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b.

Maria Gorette da Silva Ferreira Sampaio

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística ? PPGLin da Universidade do Sudoeste da Bahia - UESB, onde cursou graduação em Letras Vernáculas (1993) e especialização em Alfabetização (1995) e em Linguística Aplicada ao Ensino do Português (1998). Professora do ensino superior desde 1994, trabalha na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia desde 1999. Tem experiência na área de Linguística Textual e desenvolve estudos acerca da relação textualização e sintaxe e estudos voltados para gêneros textuais ligados a debate público.

Márcia Helena de Melo Pereira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, onde também realizou o curso de mestrado em Linguística Aplicada. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, atuando na área de Linguística de Texto. Desenvolve, atualmente, projeto de pesquisa sobre processo de construção de textos, gênese de textos, relação entre estilo individual e estilo de gênero, crítica genética, autoria e ensino de texto.

Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes

Doutora em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2015); mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2009); graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1991). Professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLin). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso - GEPADIS - UESB/CNPq; atua nas áreas de Texto e Análise do Discurso. Interessa-se pelos estudos do Discurso, com especial interesse pelas discursividades digitais da internet.

Enviado em 30/05/2018.

Aceito em 30/08/2018.